



Gondim, obstinado: "Um dia eu consigo"

COMO USAR O TELEFONE

- 1 - Procure na Lista de Assinantes o número do telefone com quem se deseja falar.
- 2 - Tira-se o fone do suporte e põe-se ao ouvido.
- 3 - Presta-se atenção afin de ouvir o ruído de chamada, que é um zumbido característico, que indica estar o aparelhamento automático pronto para receber a chamada; e ouvido, geralmente, logo que se retira o fone do suporte. Forma-se no numerador (disco numerador) o número desejado, a partir do algarismo das centenas. Exemplo: - Suponhamos que se queira ligar para o telefone 1024. Introdúz-se o dedo no orifício correspondente ao algarismo 1 e gira-se até o índice e solta-se o disco. Depois do disco ter voltado a posição primitiva, procede-se do mesmo modo para os algarismos restantes.
- 4 - Não se deve acelerar a volta do disco auxiliando a sua marcha.
- 5 - Feita a ligação desejada o aparelho fará automaticamente a chamada, ouvindo o assinante, pelo fone, sinais correspondentes a campainha do aparelho desejado, com intervalo de cinco segundos. Quando os sinais forem curtos e com intervalo de um segundo, quer dizer que o aparelho desejado está ocupado. Neste caso deve-se colocar o fone no suporte e repetir a operação depois de dois segundos de espera.
- 6 - Tendo falhado a manobra de escolha do número desejado é indispensável repor o fone no suporte. O assinante, deixando de proceder dessa maneira, será advertido pelo ruído de uma buzina.
- 7 - Não se deve bater com o suporte do fone, para não provocar ligações erradas.

Mimeografado, eis o primeiro "catálogo" telefônico de Brasília

QUEM SE INTERESSA POR ESTA HISTÓRIA?

Brasil
@
Amor

A história já é conhecida. Seus personagens também. O drama se desenvolve em dois atos, um longo e outro bastante breve, este último seguido de pano rápido, para um desfecho sem palco. Senão, vejamos: um abnegado colecionador passa sua vida inteira juntando material, pesquisando e formando um acervo. No segundo e brevíssimo ato, não há interesse pela preservação da história e todo o trabalho do pesquisador resulta em nada. Ao final, após uma queda rápida do pano para encobrir o descaso, a população perde a chance de conhecer sua verdadeira história.

OMAR ABBUD

Este caso se repete mais uma vez aqui em Brasília, com João Gabriel Gondim de Lima, ou Gabriel Gondim, como esse senhor de 54 anos, cearense, em Brasília desde 59, é conhecido. Gondim é fotógrafo e por compreender a importância do registro, que é a essência de sua profissão, passou a colecionar documentos, fotos, selos, objetos e uma infinidade de outras coisas, todas elas relacionadas com a história de Brasília.

Gondim possui hoje o que talvez seja o maior acervo sobre a vida da cidade de que se tem notícia. Entre outras coisas, ele possui uma coleção completa de slides sobre a vida de Brasília, desde 1892, os mais antigos evidentemente, reproduzidos de fotos da época, quando a Missão Cruls esteve por aqui, fazendo o levantamento topográfico da região.

A coleção completa de revistas da Novacap, uma coleção de selos comemorativos de Brasília, bilhetes de loteria alusivos à Cidade, todos os catálogos telefônicos editados aqui - desde o primeiro, rodado em mimeógrafo e com hilariantes instruções sobre como usar o telefone - a coleção completa de todos os jornais locais dos dias 21 de abril de todos os anos, além de objetos estranhos e raros, como a corrente que baixou o caixão de Juscelino ao túmulo e a pá de pedreiro que foi usada para fechar sua sepultura, a certidão de nascimento da primeira criança nascida em Brasília e um relógio comemorativo da inauguração da Cidade formam, junto com um número incontável de preciosidades, a coleção de Gondim.

Esse relógio está entre as peças que mais trabalho deram a Gondim para serem conseguidas. Trata-se de um relógio que foi mandado fazer por Juscelino na Suíça, para distribuição a diversos convidados na inauguração de Brasília. No seu verso tem a efígie de JK e alguns dizeres alusivos à ocasião. Gondim o conseguiu através de um senhor de Santos, proprietário de um antiquário, que o comprou em São Paulo. Na ocasião, ele não podia ir buscá-lo, por falta de dinheiro inclusive, mas seu amigo de Santos garantiu que o relógio ficaria guardado no cofre para ele, até que Gondim pudesse ir buscá-lo. Assim aconteceu, encerrando-se uma busca de dez anos que Gabriel Gondim havia em-

preendido, desde que soube da existência dos relógios.

Gondim se queixa da falta de espaço - seu material se encontra atulhado num dos quartos de sua casa, onde mal se consegue entrar - e da falta de tempo para organizar o material, além da falta de dinheiro para a catalogação e o armazenamento adequados do material. É que ele vive de fotografia e coleciona nas horas vagas, não tendo, portanto, meios para fazer esse trabalho da maneira que certamente gostaria.

AS PESQUISAS

Além do trabalho de catalogação e formação de acervo, Gabriel Gondim é um pesquisador, cujo trabalho tem servido para registros históricos da maior importância. Ele descobriu, por exemplo, um senhor de idade avançada em Planaltina, que havia participado da Missão Cruls, como guia. A descoberta foi feita através do primeiro engenheiro que se registrou em Brasília, Inácio Ferreira. Gondim conta: "Fiquei esperando durante um ano pelo Inácio, para irmos a Planaltina. Como ele não se decidia, eu acabei resolvendo ir sozinho. Arrumei um carro de um amigo emprestado, comprei um gravador fiado na Solomaq, movido a força e a pilha, porque eu não sabia se onde ia encontrá-lo haveria energia elétrica e fui. Acabei encontrando o Viriato de Castro, fotografei-o e gravei um depoimento seu, contando como seu pai o havia indicado para ser uma espécie de guia para a Missão. Na volta, com a gorjeta que Cruls lhe deu - o pai não queria pagamento pelos serviços do garoto - ele adquiriu três bois. Foram cem mil réis".

Também em outra pesquisa, Gondim conseguiu descobrir a pessoa que havia feito a placa da pedra fundamental de Brasília, assentada em Planaltina, no dia 7 de setembro de 1922, ao meio-dia, por Epitácio Pessoa, então Presidente. Muitos livros apontavam a placa como tendo sido confeccionada em São Paulo. Graças ao trabalho de Gondim, que gravou o depoimento do autor da placa, sabe-se hoje que ela foi feita em Araguari - MG., encomendada por um certo Dr. Balduino, Diretor da Estrada de Ferro Mogiana. Além disso, Gondim levou o autor da placa ao local onde ela está fixada e fotografou-o ao lado

de sua obra.

O DESCASO

Toda essa dedicação de Gondim não tem merecido a atenção que deveria dos órgãos oficiais. Segundo ele, o próprio Governador La-maison sabe da existência do acervo, "porque antes mesmo dele ser governador, cheguei a falar com ele sobre o meu material".

Enquanto isso acontece, estrangeiros já se mostraram interessados por toda a coleção de Gondim. Ele reluta em falar sobre isso, mas conta que através da filha de um senhor que ele conhece, residente nos Estados Unidos, já recebeu oferta de americanos no valor de cento e cinquenta mil dólares para vender sua coleção e mais a possibilidade de passar um ano nos Estados Unidos dando palestras sobre Brasília. "Nem me interessei" - diz Gondim - "porque quero que meu acervo fique aqui em Brasília".

A UnB também já mostrou seu interesse pelo acervo de Gondim, mas ficou só no interesse. Aconteceu quando Gondim foi fotografar a filha do reitor Azevedo. O reitor se interessou e pediu que Gondim fosse à Universidade. Foi então encaminhado a Cardim, um dos decanos da UnB, que ficou de mandar um pessoal à casa dele para examinar o material, o que acabou não acontecendo. "Depois me encontrei com ele no Seminário dos 20 Anos de Brasília e falei com ele. Cardim disse então que aquele assunto não era de sua alçada", conta Gondim.

Gondim continua pesquisando, como no primeiro dia em que se propôs a realizar esse trabalho, com um entusiasmo invejável. Sua intenção é a de fazer um museu em Brasília, onde possa trabalhar com calma e organizar todo o incrível material de que dispõe. Para isso, já andou até verificando a possibilidade de fazê-lo sozinho, mas desistiu diante do preço do aluguel de uma loja que ele pretendia utilizar para esse fim. Mas Gondim não desiste, obstinado: "quando quero, acabo conseguindo as coisas. Também se aparecer alguém interessado em comprar meu acervo eu vendo; mas gostaria de poder arrumar tudo, cuidar desse material com o carinho que só eu teria, pois conheço muito bem a história de cada peça e a dificuldade de conseguí-la. Eu já tenho o fio da meada".